

DECLASSIFIED
Authority NND 79201

DEPARTMENT OF STATE TRANSMITTAL SLIP		CLASSIFICATION UNCLASSIFIED
TO USIS, BRASILIA		DATE March 09, 1976
FROM USIS, BELEM		For the Attention of Mr. Lyle D. Copmann
TO THE FOREIGN SERVICE		TO THE DEPARTMENT
<input type="checkbox"/> For Transmittal to Addressee at the Discretion of Post <input type="checkbox"/> Post Information Only <input type="checkbox"/> Transmit to Foreign Office <input type="checkbox"/> Submit Report <input type="checkbox"/> Reply to the Individual		<input type="checkbox"/> Dept. Information Only <input type="checkbox"/> CERP Publications <input type="checkbox"/> Enclosure to Previous Airgram <input type="checkbox"/> Reply to Department Request
<input type="checkbox"/> Transmit to: (U. S. Agency) <input type="checkbox"/> Inform:		
REFERENCE Newspaper clippings		
ITEMS/REMARKS For your information please find newspaper clippings of O LIBERAL March 7, 1976, on the operation in Brazil of the Summer Institute of Linguistics. Mr Simeon Dave - Charley flagged this for us because of "CIA" allegations, etc. See p. 7.		
IN REPLY REFER TO FILE NUMBER AND DRAFTING OFFICE		
FILE NO.	SIGNATURE Charles B. Jacobini-Consul	
CLASSIFICATION UNCLASSIFIED	OFFICE Belém	

FORM DS-4
12-64

generoso espaço, cobrindo todos os acontecimentos que digam respeito aos indígenas, praticamente ignora o SIL.

Mas o Instituto é sem dúvida interessante e controverso. Em alguns países latino-americanos os missionários do SIL são apontados como agentes da CIA (o serviço de espionagem dos EUA), caçadores de minérios dilapidadores da cultura e das riquezas indígenas, além de outras qualificações desonrosas. Seria isso verdade? Ou, ao contrário, os missionários do SIL seriam apenas o que eles mesmos dizem a seu respeito: homens envolvidos por "um elo dourado", a Herança Cristã?

Encarte traz a questão a debate publicando um artigo da revista Afrique-Asie sobre as atividades do SIL na Colômbia, em que os missionários são descritos como tudo, menos como missionários. Pública também o texto de um candente folheto do Instituto, definindo seus propósitos no Brasil. E o texto de um artigo de um

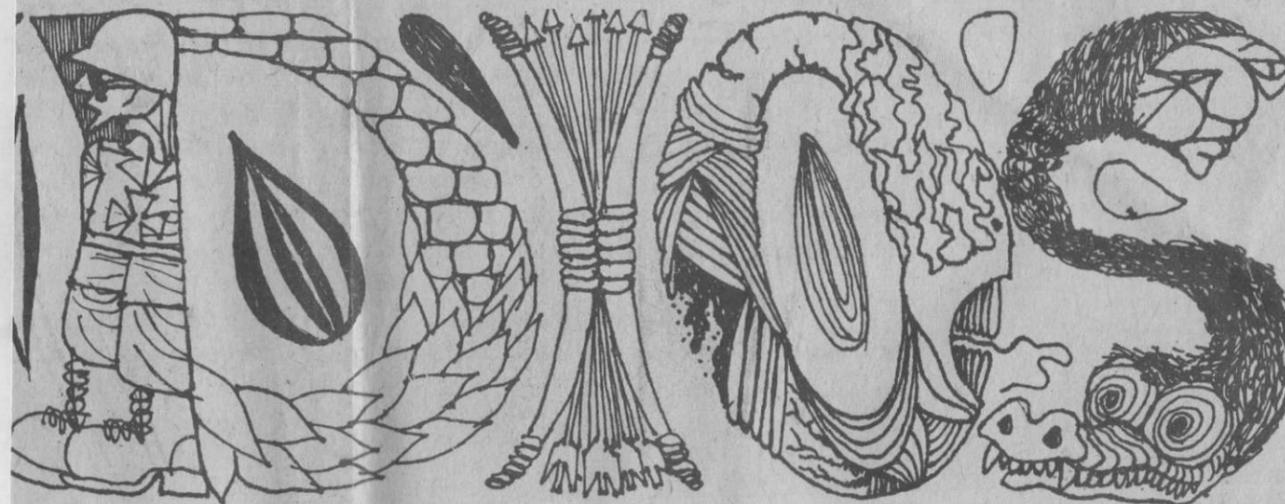
Preferindo usar sua sigla do non em inglês - SIL - o "Summer" publicou no Brasil um folheto explicando o que é e o que pretende. Encarte também reproduz o folheto, do qual só deixa de transcrever o mapa com a localização das tribos onde o SIL atua no Brasil. A carta mostra a localização

- a) Realizar estudos comparativos das línguas indígenas e reduzi-las à forma escrita;
- b) Traduzir para estas línguas livros de valor moral e cívico, assim como porções da Bíblia.

ao índio a oportunidade de conhecer as Escrituras Sagradas como fonte de indiscutível valor moral, para ajudá-lo a enfrentar as mudanças inevitáveis que a civilização, através de todos os seus progressos, trás para a filosofia, religião e economia tradicionais da



Os americanos do elo dourado



e terrestre dos membros do Instituto, autoriza a utilização de todos os aeródromos do país sem pagamento das taxas habituais, dá o seu apoio para que o Instituto importe, livre de todas as taxas, aparelhos de rádio-emissores, rádio-receptores. ... em uma palavra, assina para o I.L.V. um cheque em branco.

30 ESTAÇÕES DE RÁDIO

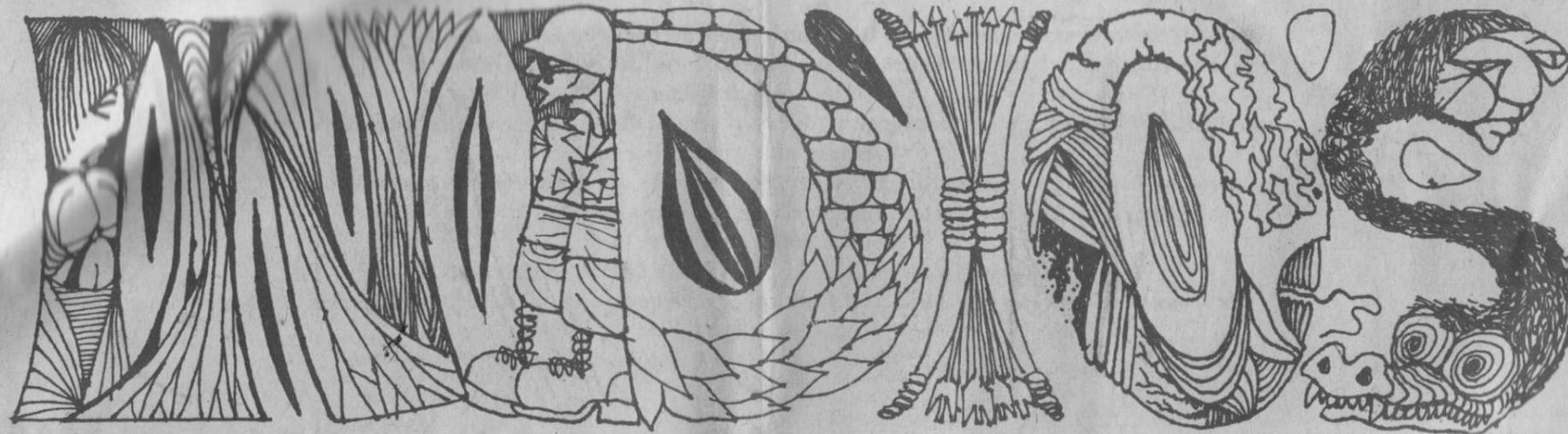
Treze anos mais tarde, os cientistas norte-americanos trabalham em 37 grupos indígenas representando 215 mil indivíduos, num território estimado aproximadamente em dois terços da Colômbia. Eles dispõem de 28 pistas de aterrissagem, 30 estações de rádio e de uma base ultramoderna em Lomalinda. E o grupo deles é estimado em 400 pessoas.

Uma primeira realidade salta aos olhos imediatamente. Em treze anos de trabalho, com meios tão importantes, o I.L.V. produziu, ao todo, dois volumes de uma série intitulada "Aspectos da cultura material dos grupos técnicos na Colômbia" e dois tomos de uma série sobre folclore, material limitado à descrição de alguns aspectos da vida dos índios, negligenciando qualquer análise séria. De acordo com José Gutierrez - internacionalmente conhecido por suas investigações científicas - esta produção, de baixo nível científico, não poderia nem mesmo ser utilizada nos colégios.

O I.L.V. é o nome que a Wycliff Bible Translators, organização missionária protestante, adotou nos 25 países do mundo onde ela opera. Ele foi fundado em 1930 por William Cameron Townsend, que declarou em suma: "O trabalho lingüístico é preliminar. É uma aproximação funcional.

Os trabalhadores vão para as regiões como linguistas e em seguida Deus os utiliza, uma vez estabelecido o contato. "Portanto, os "linguistas" são antes de tudo missionários. A finalidade essencial é "glorificar a Deus e construir sua Igreja, levando as Santas Escrituras aos homens nos seus próprios idiomas". Mas, por curiosidade, nem o acordo com o governo, nem as publicações do Instituto mencionaram a organização religiosa Wycliffe e a finalidade de proselitismo religioso.

"A OBRA DO DIABO"



Desde 1956 atua no Brasil o "Summer Institute of Linguistics", ou Instituto Linguístico de Verão, que ensina índios de 44 tribos brasileiras a escrever em sua língua materna e em português, simultaneamente. O nome do Instituto vem do fato de os cursos linguísticos de seus membros serem ministrados nos meses de verão nos Estados Unidos de onde vêm os missionários. O SIL goza do amplo apoio oficial: em 1972 firmou um convênio com o órgão oficial de proteção dos índios, a Funai, e já renovou este convênio. Atualmente, tem 300 missionários-linguístas no Brasil.

Frequentemente, o trabalho do SIL é exposto no Boletim da Funai também uma publicação oficial, e, até hoje, nenhuma autoridade fez qualquer referência negativa ao trabalho do Instituto no Brasil. Pelo contrário, se o trabalho de estrangeiros junto a índios tem sido restringido pela Funai, que há pouco tempo impediu o etnógrafo René Fuerst de entrar no país e depois anunciar que cancelará os contratos que tem com três antropólogos estrangeiros que fazem pesquisas em algumas tribos o SIL tem livre trânsito nas aldeias. A imprensa brasileira, que nos últimos anos tem tratado os índios com grande simpatia e generoso espaço, cobrindo todos os acontecimentos que digam respeito aos indígenas, praticamente ignora o SIL.

Mas o Instituto é sem dúvida interessante e controverso. Em alguns países latino-americanos os missionários do SIL são apontados como agentes da CIA (o serviço de espionagem dos EUA), caçadores de minérios dilapidadores da cultura e das riquezas indígenas, além de outras qualificações desonrosas. Seria isso verdade? Ou, ao contrário, os missionários do SIL seriam apenas o que eles mesmos dizem a seu respeito: homens envolvidos por "um elo dourado", a Herança Cristã?

Encarte traz a questão a debate publicando um artigo da revista Afrique-Asie sobre as atividades do SIL na Colômbia, em que os missionários são descritos como tudo, menos como missionários. Publica também o texto de um candente folheto do Instituto, definindo seus propósitos no Brasil. É o texto de um artigo de um

terrestre dos membros do Instituto, autoriza a utilização de todos os aeródromos do país sem pagamento das taxas habituais, dá o seu apoio para que o Instituto importe, livre de todas as taxas, aparelhos de rádio-emissores, rádio-receptores... em uma palavra, assina para o I.L.V. um cheque em branco.

30 ESTAÇÕES DE RÁDIO

Treze anos mais tarde, os cientistas norte-americanos trabalham em 37 grupos indígenas representando 215 mil indivíduos, num território estimado aproximadamente em dois terços da Colômbia. Eles dispõem de 28 pistas de aterrissagem, 30 estações de rádio e de uma base ultramoderna em Lomalinda. E o grupo deles é estimado em 400 pessoas.

Uma primeira realidade salta aos olhos imediatamente. Em treze anos de trabalho, com meios tão importantes, o I.L.V. produziu, ao todo, dois volumes de uma série intitulada "Aspectos da cultura material dos grupos técnicos na Colômbia" e dois tomos de uma série sobre folclore, material limitado à descrição de alguns aspectos da vida dos índios, negligenciando qualquer análise séria. De acordo com José Gutierrez — internacionalmente conhecido por suas investigações científicas — esta produção, de baixo nível científico, não poderia nem mesmo ser utilizada nos colégios.

O I.L.V. é o nome que a Wycliff Bible Translators, organização missionária protestante, adotou nos 25 países do mundo onde ela opera. Ele foi fundado em 1930 por William Cameron Townsend, que declarou em suma: "O trabalho linguístico é preliminar. É uma aproximação funcional."

Os trabalhadores vão para as regiões como linguistas e em seguida Deus os utiliza, uma vez estabelecido o contato. "Portanto, os "linguistas" são antes de tudo missionários. A finalidade essencial é "glorificar a Deus e construir sua Igreja, levando as Santas Escrituras aos homens nos seus próprios idiomas". Mas, por curiosidade, nem o acordo com o governo, nem as publicações do Instituto mencionaram a organização religiosa Wycliffe e a finalidade de proselitismo religioso.



Os americanos do elo dourado

Preferindo usar sua sigla do non em inglês — SIL — o "Summer" publicou no Brasil um folheto explicando o que é e o que pretende. Encarte também reproduz o folheto, do qual só deixo de transcrever o mapa com a localização das tribos onde o SIL atua

a) Realizar estudos comparativos das línguas indígenas e reduzi-las à forma escrita;

b) Traduzir para estas línguas livros de valor moral e cívico, assim como porções da Bíblia.

ao índio a oportunidade de conhecer as Escrituras Sagradas como fonte de indiscutível valor moral, para ajudá-lo a enfrentar as mudanças inevitáveis que a civilização, através de todos os seus progressos, trás para a filosofia, religião e economia tradicionais de

"A OBRA DO DIABO"

DECLASSIFIED
Authority: NND 79201

linguista do SIL, publicado originalmente no Boletim da Funai, em que é descrito o mecanismo do Ensino Bilingue dos índios.

A questão certamente não se esgota nestes textos, pois falta o mais importante — uma investigação séria e minuciosa do trabalho do SIL no Brasil. Em alguns locais contudo isso seria difícil, pois os missionários americanos atuam sozinhos, isto é, chegaram às aldeias antes da Funai, que, aparentemente, considera os índios em boas mãos e não se preocupa em assisti-los.

Os americanos das bases clandestinas

O repórter José Ricardo Fernandez, da revista "Afrique-Asie", investigou as atividades do "Summer Institute", na Colômbia e conclui que, antes de serem missionários interessados em ensinar espanhol aos índios, são agentes de inteligência ou forças de apoio à atividades militares dos EUA naquele país. ENCARTE não discute o mérito das conclusões ou insinuações do repórter, limitando-se a transcrever sua reportagem, assim como faz com o folheto do "Summer".

O caso começa no fim de uma pista ruim, poeirenta, na imensa planície colombiana dos Andes orientais.

Fazendas imensas quadriculam o vasto pampa, enquanto que no horizonte, com dimensões de universo, destaca-se a silhueta dos rebanhos que partem, como contrabando, para a Venezuela. É quase uma estória horrível. Puerto-Lleras se parece com todas as aldeias colombianas. Algumas ruas intransitáveis, algumas cantinas tocando música, cerveja quente, cavaleiros que passam a galope, carros que se batem na via principal, garotos com as pernas delgadas demais, com os ventres muito redondos.

Dez minutos de carro. O cenário se transforma. A aldeia que aparece, empoleirada nas pequenas colinas de relva batida, tem o charme austero e confortável das pequenas cidades norte-americanas. E esta é uma. Lomalinda é o centro de um discreto organismo americano, o Instituto Linguístico de Verão (I.L.V.).

O Instituto foi instalado na Colômbia em 1962. O ministro colombiano Fernando Londoño y Londoño assinou naquele ano com W. Townsend, diretor do I.L.V., uma convenção pela qual o Instituto ficou autorizado a "estudar técnica, ordenada e exaustivamente as línguas das comunidades indígenas.

O I.L.V. poderá, deste modo, registrar cada língua ou dialeto e compilar todos os tipos de dados antropológicos, culturais e fotográficos sobre os aspectos raciais, indumentários, urbanísticos, industriais e os diversos aspectos da via indígena, e daí deduzir "as campanhas necessárias ao melhoramento global e à incorporação de cada grupo estudado aos mais altos e mais úteis níveis da vida".

O governo colombiano se compromete a assegurar a permanência dos linguistas no país, a fornecer gratuitamente todo o combustível necessário ao transporte aéreo

mantida, o que, em alguns casos, revela que os linguistas americanos que ensinam Português aos nossos índios não dominam muito bem a gramática e a sintaxe lusitana.

O SIL é uma organização científico-cultural, civil, que não visa quaisquer lucros e tem como objetivos — o estudo e a valorização das culturas e línguas indígenas, o bem-estar e a participação do índio na vida nacional. É mantido por amigos e entidades congêneres que, espontaneamente, apoiam a realização destes objetivos.

"Os cursos para habilitação de linguistas, ou os Institutos de Verão propriamente ditos, são oferecidos durante as férias de verão (julho-agosto), nas Universidades de Oklahoma, Dakota do Norte, Washington e Faculdade Gordon, nos EUA, e também na Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia e Alemanha Ocidental. Estes cursos de nível de pós-graduação consistem de estudos intensivos que dão ao aluno um conhecimento geral da natureza fonológica e gramatical das diversas maneiras em que os idiomas se estruturam.

Assim, os integrantes do SIL dedicam-se ao estudo dos idiomas indígenas não escritos, adaptando-lhes um alfabeto científico e preparando, logo após, material didático que propicia a alfabetização e tradução, para as respectivas línguas, de textos de alto valor moral, cívico e espiritual.

Desde 1972, curso semelhante é ministrado por membros do SIL em sua sede no Brasil, em Brasília, DF.

Em fins de 1973, o SIL já estava com 3.000 membros, empenhados no estudo de 565 línguas distintas em 25 países. No Brasil, estes estudos tiveram início em 1956, e mais de 100 linguistas do Instituto participam da análise de 42 idiomas indígenas brasileiros, elaborando informes e artigos quanto à estrutura dos mesmos e coletando textos indígenas. Este material é publicado por revistas e boletins linguísticos e etnológicos internacionais, ou é arquivado no Setor Linguístico do Museu Nacional do Rio e na sede do SIL, onde está à disposição dos interessados. O Instituto colabora, desta maneira, para a preservação do enorme patrimônio linguístico e étnico que o Brasil possui.

O QUE FAZ O SIL?

De acordo com os seus estatutos, registrados sob o no. 20.441, Livro A-2 do Registro Civil de Pessoas Jurídicas de Brasília, DF, o SIL compromete-se a:

c) Promover o interesse pela ciência linguística e por estudos de investigação científica de outros aspectos da vida das tribos indígenas, editar livros, revistas ou outro tipo de publicação que se relacione com os fins da entidade.

d) Desenvolver um programa de educação e assistência social, em cooperação com instituições governamentais ou científicas, com o propósito de proporcionar ao indígena melhores condições de vida, tudo sem fins lucrativos.

"A realização destes objetivos vem sendo disciplinada por convênios assinados com o Museu Nacional, do Rio, em 1959, com a Universidade de Brasília, em 1963 e ultimamente com o Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio, renovado em 1963. E, ainda, em estreita colaboração com a FUNAI, os componentes do SIL prestam serviços humanitários e de assistência nas regiões tribais, especialmente nas que carecem de recursos médicos adequados.

Conforme a orientação da FUNAI, que adotou o Sistema de Educação Bilingue para os indígenas através de sua portaria no. 75/N, de 06.07.72, o Instituto Linguístico de Verão também colabora com a produção de material de leitura para as diversas línguas tribais. O índio, desta maneira, tem a oportunidade de iniciar o seu processo de educação, utilizando sua própria língua como veículo. Dentro de dois anos, gradativamente, o português é introduzido, produzindo um estudante bilingue que pode utilizar o português tão bem quanto sua própria língua.

QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DO SIL?

Os objetivos do SIL baseiam-se em três importantes pontos:

I — Científico — Considerar os mencionados estudos como base para o material didático nos idiomas indígenas e conseqüente criação de uma literatura de transição para o português, como contribuição à literatura científica e linguística mundial, e à preparação de linguistas brasileiros através de cursos ministrados em sua sede em Brasília, e em vários pontos do país.

II — Social — Abrir ao índio, através da alfabetização, as portas para todos os campos necessários ao seu conhecimento, tais como as fontes práticas de melhoramento e desenvolvimento do padrão de vida em relação à alimentação, higiene, prevenção e cura de enfermidades; e, ainda, à participação do índio na vida cultural, cívica e econômica da Pátria.

III — Espiritual — Proporcionar

índio.

ONDE TRABALHA O SIL?

(N. da R. Em 44 grupos tribais, mostrados pelo folheto do Instituto num mapa do Brasil). "Em algumas tribos, a obra teve início há mais de 10 anos, enquanto que em outras, há apenas poucos meses. Ainda sob convênios firmados com os governos de mais de 24 países, os linguistas do SIL trabalham pelos mesmos objetivos na Austrália, Bolívia, Camerum, Canadá, Colômbia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, Gana, Guatemala, Honduras, Ilhas Salomão, Índia, Indonésia, México, Nepal, Nigéria, Nova Guiné, Panamá, Peru, Suriname e Togo. (N. da R. o 24o. país era o Vietnam).

QUEM SÃO OS COMPONENTES DO SIL?

Com sede de seus escritórios internacionais em Santa Ana, Califórnia, EUA, os integrantes do SIL formam um grupo realmente internacional. Seus países de origem são: Alemanha, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Finlândia, França, Gana, Grã-Bretanha, Guatemala, Holanda, Hong-Kong, Japão, México, Nova Zelândia, Peru, República da África do Sul, Suécia e Suíça.

"Os linguistas, quando no campo, contam com a colaboração de experimentados administradores, assessores, contadores, médicos, enfermeiras, professores, pilotos, radiotécnicos, mecânicos, carpinteiros, etc. São também especializados em agricultura, alfabetização, publicações e desenhos, todos membros do SIL. Cada uma destas pessoas foi aprovada não somente em cursos próprios de sua especialidade, como também em linguística.

"Todo membro do SIL submete-se ainda a um período de treinamento para sobrevivência na selva que o ajudará a adaptar-se aos ambientes e culturas dos locais onde vai instalar seu campo de trabalho. Fica, assim, preparado para dedicar muitos anos — ou toda a sua vida — ao trabalho humanitário cultural e espiritual do SIL.

POR QUE OS MEMBROS DO SIL ESCOLHEM TAREFA TÃO ÁRDUAS?

Para esta pergunta, as respostas dos membros do SIL variam. Porém, um elo dourado a todos envolve: a Herança Cristã, sobre a qual foi edificada a civilização.

Todos se oferecem, a si mesmos, para os que têm sede de uma vida melhor e abundante e possam saciar-se".

Geralmente, os indígenas não gostam muito da instrução destes novos "encaminhadores". No dia 13 de abril de 1972, os índios de Uaupés, durante um congresso realizado pelos representantes de todas as tribos, enviaram ao governo uma carta na qual pedem a suspensão do envio de estrangeiros. "Eles não trazem utensílios para trabalhar a terra, nem sementes, nem remédios para curar as doenças. Nós não os queremos mais porque eles dizem que vêm nos ajudar e em seguida nos mandam traçar as pistas para seus aviões e fazem os velhos, as crianças e até as mulheres trabalharem, e não nos pagam!"

O grupo dos Arhuacos, no Norte do país, recusa qualquer colaboração com esses norte-americanos. "Não é necessário que eles se ocupem de nossos direitos porque eles profanam nossa religião dizendo que ela é obra do diabo e se disfarçam com os nossos costumes. . ."

De fato, o I.L.V. participa de um longo processo que, sob a capa de "integração", mascara a vontade deliberada de destruição das culturas indígenas, a fragmentação das comunidades, com a finalidade de uma reintegração no mundo "racional", cristão e ocidental"; sua transformação em mão-de-obra barata, seu deslocamento, que permitirá o controle de vastas regiões, e sua utilização pelas classes econômicas nacionais e estrangeiras. Trata-se de, consciente ou inconscientemente, obter a resignação serena e cristã dos indígenas diante do etnocídio permanente, seja físico ou cultural. Por outro lado, o I.L.V. participa direta e materialmente nas atividades exclusivamente repressivas.

Em fevereiro de 1970, ele colaborou com o programa de ação cívica do governo colombiano, engajado numa ação de força contra a comunidade dos Guahibos, na região de Planas. O I.L.V. forneceu o equipamento de rádio para estabelecer as comunicações diretas entre a estação da polícia de Planas e a capital do departamento, e ofereceu sua mediação entre o governo e os índios "para convencê-los, no seu próprio idioma, a se render com a garantia de não serem punidos". O saldo foi a tortura e o assassinato de dezenas de índios guahibos nas mãos de comerciantes e do exército.

Descobre-se que ele participou, no Equador, no deslocamento de um grupo indígena para ceder o lugar a duas companhias petrolíferas, a Gulf Oil e à Texaco. Descobre-se — e o caso toma uma nova perspectiva — que uma filial da Wycliffe Bible Translators, a Christian Missionary Alliance, desenvolveu um trabalho prolongado de proselitismo nas tribos montanhosas do Vietnam do Sul e que estas tribos foram anteriormente usadas pela C.A.A. e pelos "boinas verdes" para lançar operações militares contra a F.N.L. Seu doutrinamento religioso foi tão eficaz que os montanhese acabaram por servir de guias e mesmo por combater ao lado das tropas americanas.

O Instituto Linguístico de Verano é portanto uma organização de fachada. As atividades linguísticas servem de cobertura à ação de aculturação dos missionários protestantes que, por sua vez, servem de bombo a outras atividades cujos sustentáculos e finalidades começa-se a adivinhar. E para penetrar neste terceiro estrato das atividades do I.L.V., é preciso retornar à Lomalinda, cidadela norte-americana na planície escaldante dos Llanos orientais.

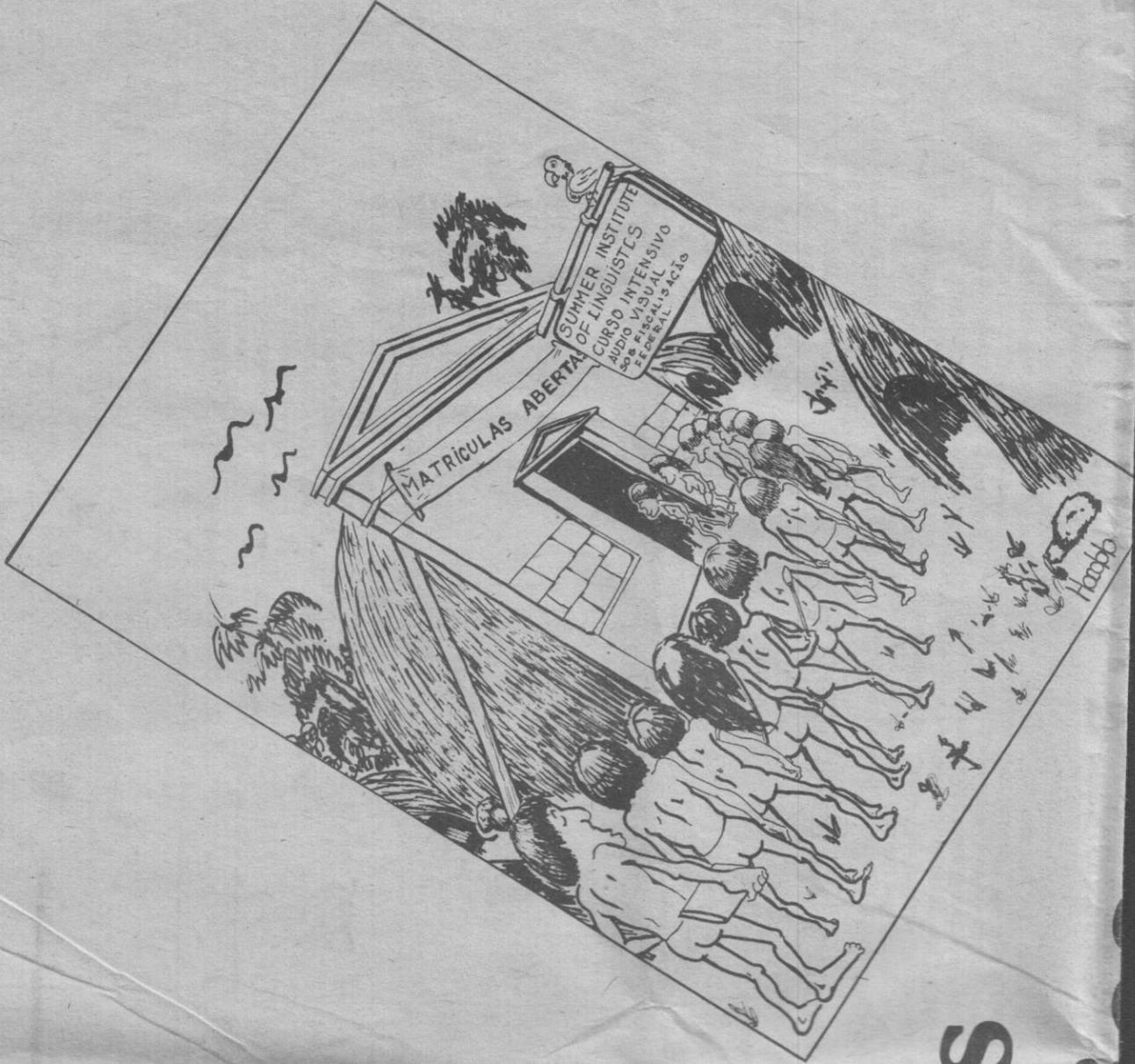
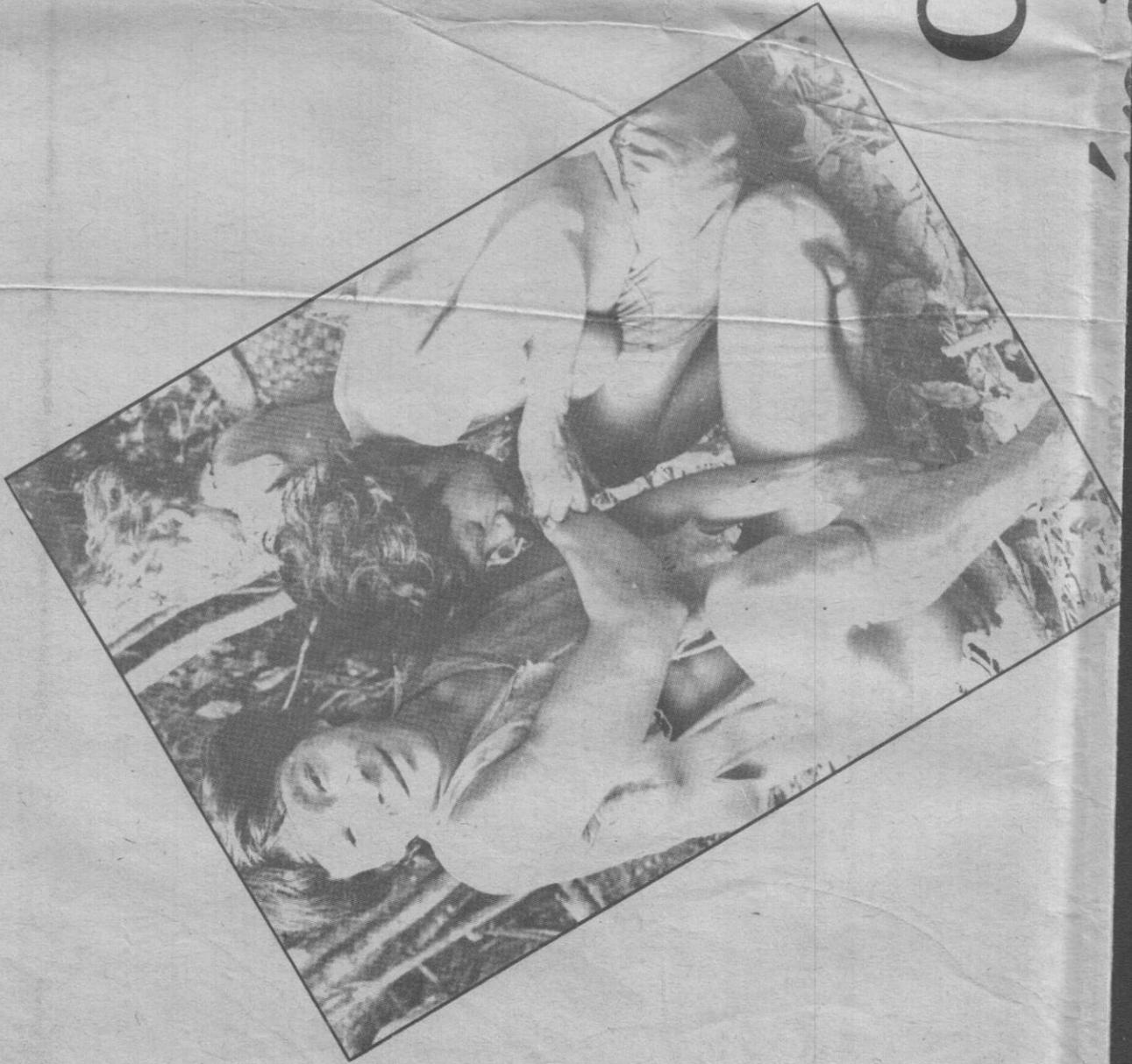
Mas onde estão os índios? Porque a primeira particularidade deste centro nervoso do Instituto Linguístico de Verão, destinado ao estudo das línguas indígenas, é estar situado numa região totalmente desprovida de índios. E de linguistas! A população norte-americana da aldeia é

(SEGUE)

BRUCEARTE

O LIBERAL

EDITOR: Lucio Flavio Pinto



OS

Indios e os americanos

Neste número:
* Lúcio Flávio Pinto
* Walter Rodrigues
* Sérgio Buarque
* Raimundo José Pinto
* Avelino do Vale
* Nélio Palheta
* Lima Barreiros
* Paulo Guedes
* Afrânio Trindade
* Paulo Roberto
* Aldo César
* Luis Antonio Pinto
* Haroldo
* Pedro Pinto
* Orly Bezerra



A grade no teatro: uma idéia em discussão

Aviso aos navegantes

O ENCARTE não publica notas ou comentários teleguiados por quem quer que seja. Quem estiver em desacordo com qualquer opinião manifestada aqui, é só escrever. Inútil esperar que sorrisos ou visitas informais sejam suficientes para fazer amigos e influenciar pessoas do ENCARTE.

Está certo que todo assessor neófito queira mostrar serviço, mas é bom que saiba, desde já: nada pode suprir, para nós, a falta de talento ou de bons argumentos (Walter Rodrigues).

Reformando ?

O INCRA está anunciando que vai vender lotes de terra na Amazônia com até 500 mil hectares de extensão. A Constituição estabelece que o poder público pode alienar até três mil hectares a particulares, mas a partir daí as vendas precisam obter a aprovação do Senado, o que é muito difícil de obter, muito pelo contrário. Há mais de dois anos o INCRA, que vinha se limitando aos 3 mil ha., anunciou que colocaria em licitação glebas de 66 mil ha. (para projetos agropecuários) e 72 mil ha. (para projetos florestais). Na época temeu-se pelo futuro de uma estrutura agrária latifundiária, como a que existe nas áreas com propriedade na região (ainda que raramente ocupadas), quando fosse incorporado maior número de grandes fazendas, mas o INCRA não parece ter ido muito longe nos planos. Ainda.

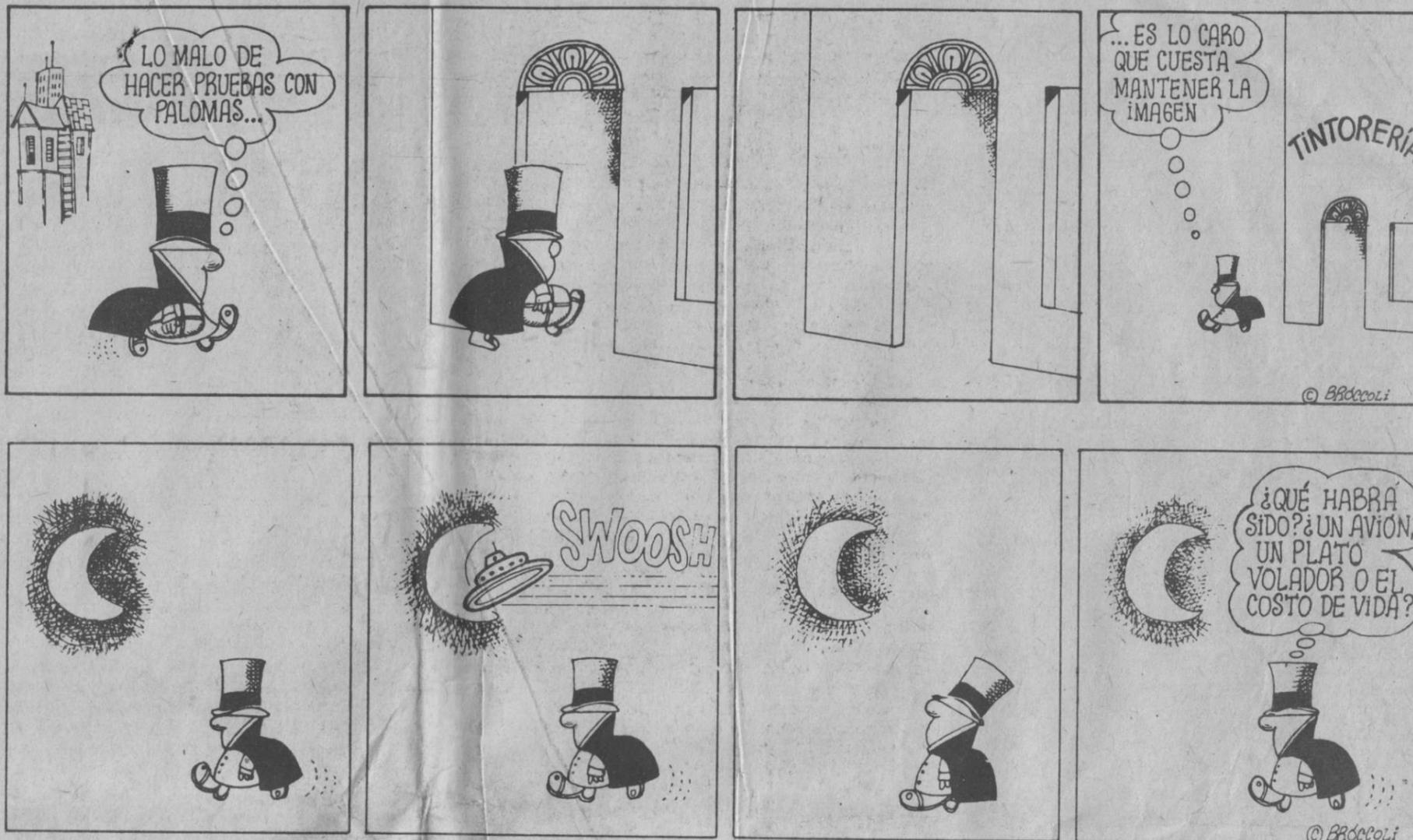
Porém, vender propriedades com até 500 mil hectares pode ser demais. Os recursos dos incentivos fiscais já estão sendo utilizados à fatura para a formação de grandes fazendas, não muito diferentes das tradicionais existentes na Amazônia, a não ser no agravamento de algumas situações um tanto injustas, desumanas e improdutivas. Mas a esse instrumento vir juntar-se o INCRA, que naturalmente transferirá aos felizes compradores de seus "lotes" de 500 mil ha., todas as facilidades que pode fornecer, já pode se tornar uma política de graves riscos. Talvez fosse útil aos dirigentes do INCRA lembrar de vez em quando o nome do órgão que dirigem. Na situação atual, essa lembrança leva apenas a tristes ironias. (Lúcio Flávio Pinto).

O minério é nosso...

Será mais que uma sessão de encerramento das atividades da chamada "Comissão de Vigilância" que, segundo os jornais, passou durante o recesso parlamentar, em "vigília cívica" em "torno do comportamento adotado nos diversos setores em função do problema do escoamento dos minérios" de Carajás. Virá o já famoso engenheiro Basílio Accioly, "especialmente convidado", virão deputados federais e outras figuras, professores e personalidades.

Será uma festa, a primeira da quadra política que inicia, a ser promovida por nossos cívicos deputados. E como não poderia faltar, Carlos Vinagre, do MDB, vai mandar inserir na ata dos trabalhos a entrevista do presidente da Companhia Vale do Rio Doce publicada na revista "Comércio e Mercados". Que venha o "balanço" da "vigilância" feita por nosso deputado. Quais os resultados? Influenciarão nos interesses do consórcio internacional criado para explorar Carajás? Qual a novidade que dirá Accioly e os debates que se seguirão à sua palestra, no dia nove? Darão o suspirado escoamento dos minérios por nosso Estado? Vigiai senhores deputados! O minério é nosso... (Nélio Palheta)

REBOTE



Tradução: "Que terá sido? Um avião, um prato voador ou o custo de vida?"

A denúncia de Camilo

Camilo Viana, presidente da Sociedade de Preservação aos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia, em entrevista na quarta-feira passada, manifesta a sua apreensão ante a possível dispensa de 20 técnicos do Instituto Evandro Chagas. Esses técnicos são auxiliares em projetos de grande interesse para a região e sua saída do instituto será seguida da impossibilidade de sua substituição a curto prazo. Desnecessária será enfatizar aqui a importância do Evandro Chagas como centro de pesquisas e estudo das doenças tropicais.

As causas da possível dispensa não ficaram claras, mas

Samba, suor... e política

Após uma longa ausência dos desfiles oficiais a "Embaixada de Samba do Império Pedreirense" voltou este ano a participar do carnaval paraense, estimulada pela subvenção de 15 mil cruzeiros, concedida pela Prefeitura, numa clara demonstração de que a escola ainda não possui capacidade de auto-financiamento, dependendo, para desfilar, da ajuda do poder público.

A volta do "Império Pedreirense" foi recebida com uma certa alegria pelos saudosos admiradores da escola e do próprio carnaval de rua de Belém, ultimamente bastante enfraquecido justamente pela ausência das grandes escolas.

Nunca foi tão fácil voar

As professoras Terezinha Linhares Barbosa, técnica em Educação, e Sônia Goulart, licenciada em História e Organização Social e Política Brasileira, conquistaram o prêmio de viagem à Amazônia no concurso promovido pelo Ministério da Fazenda, para trabalhos sobre o tema "Contribuinte do Futuro". Vieram à Belém, "aproveitando a viagem para estudos", e disso brotou um relatório, encaminhado à Secretaria da Receita Federal. Alguns trechos:

"O Governo do Estado do Pará é a síntese de um testemunho histórico...

DECLASSIFIED
Authority NND 79201

Ponto de vista

Lucio Flavio esteve no Ver-O-Peso, durante a caçada policial em Barcarena, e ouviu opiniões contrárias à ação da Polícia. Paulo Ronaldo, no número passado do ENCARTE, sugere que a maioria da população reprova a violência cega dos homens da lei. Quanto a mim, lamento dizer que tenho ouvido justamente o contrário. Embora não possa dizer que a maioria da população é pela violência, a verdade é que muita gente, de todas as classes sociais, acha que bandido deve ser tratado pior do que o cachorro. Alguma surpresa? Sempre que as coisas vão mal há muita violência reprimida, que pode ser desafogada contra bandidos, "hippies", maconheiros, homossexuais, negros, judeus ou anticomunistas, dependendo do regime e da oportunidade histórica. Já vi umas duas vezes a prisão de ladrões em feiras livres e a participação do povo (pelo menos de parte ponderável do povo) não foi nada brilhante.

Talvez se o problema da violência policial fosse decidido por plebiscito muita gente ficasse surpresa. (Walter Rodrigues)

Os nordestes

Um historiador alemão entrevistado recentemente pela revista Veja disse que quando esteve em São Paulo sentiu realmente que o Brasil pode se tornar uma grande potência, mas quando percorreu o Nordeste foi tomado de descrença em relação a esse futuro. Para chegar a uma constatação dessas não precisaria consumir tantas léguas: sempre que chego a São Paulo, desço pela avenida Rubem Berta e observo, do lado direito, uma surpreendente plantação de milho desafiando os prédios ao redor, sinto dentro de mim as duas perspectivas em conflito. (Lucio Flavio Pinto, de S. Paulo).

Neurose chinesa

Das teses de Ivan Illich sobre a Medicina (veja o número passado do ENCARTE) já conhecia o resumo de seu livro feito pelo "Le Novel Observateur", de Paris, e reproduzido em duas edições de "Opinião". Mas agora deparei com uma informação particularmente inquietante: a maior encomenda de remédios feita pela China Popular à República Federal Alemã foi de tranquilizantes.

Se até na terra da macrobiótica e da acupuntura a coisa é assim, então a Humanidade está mesmo depravada. (Walter Rodrigues).

Uma advertência

Esse rebote é apenas uma advertência, para que não percam um bom local onde a turma pode se reunir para ouvir boa música, beber e dançar. Uns amigos foram recentemente ao "Batuk", ali na avenida Nazaré. Tomaram 40 doses de uísque "Drury's" (480 cruzeiros), quatro licores de menta (40 cruzeiros) e outras pequenas coisas a mais. No total, a conta deu 580 cruzeiros. Pois cobraram mais 30 cruzeiros pela mesa e, em cima desse total, mandaram uma comissão de 10% (58 cruzeiros), totalizando 638 cruzeiros. Quer dizer: não havia necessidade de cobrar mesa ou essa comissão porque a casa faturou muito bem em cima do uísque. Uma garrafa de Drury's está em torno de 50 cruzeiros. O pessoal tomou umas quatro garrafas, ou seja, 200 cruzeiros. A casa faturou, portanto, 280 cruzeiros só aí.

A "Batuk" é uma de nossas melhores casas noturnas, não há dúvida. Mas vamos manear no preço porque do jeito que vai a gente não pinta mais por lá. (Raimundo José Pinto).

desde já estamos certos de que nenhum motivo justificaria mais este enorme desserviço que poderá ser infligido a nossa região, que será em total oposição às diretrizes do próprio Governo Federal. Senão, vejamos: em reportagem da revista "Veja", de 20 de agosto de 1975, o ministro Almeida Machado fala da "vital importância da vigilância epidemiológica, compreendendo informações e levantamentos destinados à programação de medidas de controle das doenças — e que também não existe no país. A dispersão da meningite em todo o território nacional foi devida em grande parte a essa ausência". Prossegue a matéria informando que o Governo Federal aprovou um plano para erradicar, da Amazônia, suas tradicionais endemias, além de prevenir contra enfermidades que não chegaram até aqui.

Em outra edição da mesma revista (26 de novembro de 1975) o Ministro em observações acerca do cólera diz que os eventuais diagnósticos da doença estão confiados ao Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo; Osvaldo Cruz, no Rio; e Evandro Chagas, em Belém. Adianta Almeida Machado que serão construídos laboratórios de saúde pública destinados ao diagnóstico em massa de doenças transmissíveis e pergunta: sem laboratório de saúde pública como fazer saúde pública?

Então, todo esse elenco de medidas e preocupações na área federal quanto à saúde pública não estaria encontrando receptividade em nosso estado perante os responsáveis pelo setor? Vão desmantelar o Evandro Chagas?

Em seu alerta diz Camillo que os técnicos em questão são bastante experientes e que, para colocar outros em seu lugar, seriam necessários pelo menos cinco anos de treinamento. Explicações se fazem necessárias pois a opinião pública espera um esclarecimento em torno do assunto. (Aldo César).

Esse frio cosmopolita

Um dos meus sonhos de jovem foi ser cosmopolita. Imaginei-me um lobo solitário, destre e resoluta, saltando por lugares distantes e estranhos, procurando o saber da vida, solto de raízes. Sempre que passo alguns dias sozinho em São Paulo, como agora, vejo que esse sonho é irreal e incorporo minha insufocável vocação tribal e doméstica. Lembro da Lenil, da Juliana e do Lúrio, trio da minha vida, e percebo que a minha vida seria impossível sem eles. É provável que nada disso interesse ao leitor, mas ao menos uma vez faz bem a gente dizer que gosta tanto de certas pessoas. (Lucio Flavio Pinto, de S. Paulo).

Deu zebra (I)

O Vila Farah ganhou, e eu fico satisfeito de ver que me enganei. Só espero agora que o Vila não siga, no próximo ano, o mau exemplo de importar mulatas enlatadas do Sul. Carnaval, se é que ainda tem algum significado, deve ser a expressão da alma popular. Samba solúvel não dá. (Walter Rodrigues).

Na gaveta

Quando no governo do Estado, o engenheiro Fernando Guilhon solicitou ao Conselho Estadual de Cultura parecer sobre um livro de poesias, de Ramon Stergman, com vistas à edição, pela Imprensa Oficial. Em junho de 75, emitido o parecer favorável, os originais do livro que seria prefaciado pelo prof. Machado Coelho, foram remetidos ao Palácio Lauro Sodré. Talvez nos corredores do Palácio, desapareceram, não sendo encontrados até hoje, apesar dos esforços de Ramon. Mesmo que não sejam localizados, no fundo de alguma gaveta, a impressão do livro ainda poderá ser feita: precavido, o autor conservou uma segunda via. E a esperança de não ver o lançamento de seus poemas frustrado por algum distraído burocrata. (Avelino do Vale)

como foi o caso, ano passado, do "Quem São Eles", e este ano do "Boêmios da Campina". Evidentemente que após esse longo período de afastamento e a inesperada decisão de desfilar este ano, a escola não poderia apresentar grandes novidades, luxuosas alegorias e caras fantasias. O que se viu, por ocasião do desfile da Presidente Vargas, foi a repetição de velhas fórmulas, já bastante desgastadas, de pouca imaginação e de ufanismo barato, como por exemplo, o pouco inventivo tema "A Grande Belém". A bajulação está presente no samba-enredo, que é pobre e de terrível mal gosto. Canta as utópicas maravilhas de Belém, como a luz da Celpa e o estádio Mangueirão. O samba-enredo tenta ainda confundir os incautos, usando o tratamento de "doutor" para o coronel Alacid Nunes, pois o samba é uma indisfarçável homenagem ao ex-governador. Que diria o prefeito Ajax Oliveira? Talvez depois da construção dos viadutos do Entroncamento, a escola de samba preste uma homenagem ao prefeito e o ciclo vicioso continue. (Paulo Roberto Ferreira).

Sempre sob rodas

Uma das festejadas soluções urbanas dos últimos tempos lançadas neste país foi a das ruas fechadas aos carros e entregues aos pedestres. O centro de Curitiba transformou-se com o surgimento dessas ruas de passeio. Elas estão chegando a São Paulo, mas numa delas, a D. José de Barros, o que deveria virar passarela de pedestres virou estacionamento de carros. Não tem mesmo solução. (Lucio Flavio Pinto, de S. Paulo).

Deu zebra (II)

Walter, concordo contigo quanto ao resultado do concurso dos blocos. Mas acho que, como o Xavante, o Vila Farah também não merecia ganhar porque desfilou como escola de samba e não como bloco. Tinha até destaques, sambistas, alas. Tá certo que o pessoal tava com vontade de derrotar o Xavante de qualquer maneira. Mas não vamos apelar. Espero que essa vitória abra os olhos do pessoal do Vila Farah e faça com que, no próximo ano, desfile como um bloco carnavalesco que é. Mas valeu a vitória. (Raimundo José Pinto).

Será que muda?

A Secretaria de Educação vai instalar uma assessoria de comunicação porque acha que está havendo uma campanha contra ela por parte da imprensa e de outras pessoas. A assessoria teria a finalidade de informar melhor aos jornais sobre as atividades da SEDUC. Acho bom o projeto porque a imprensa sempre teve muita dificuldade em conseguir informações na SEDUC. Espero apenas que não seja mais uma fonte de "press-release" como muitos órgãos oficiais que existem em Belém e que criaram esse tipo de assessoria para só publicar notícias de interesse próprio. Pr'a finalizar: vai ser muito difícil mudar a imagem da SEDUC apenas criando uma assessoria de comunicação. Precisa mudar muita coisa lá dentro. (Raimundo José Pinto).

Ainda carnaval

Num artigo de página inteira, o Avelino do Vale mostrou alguns problemas de nosso carnaval que passou. Mas, também, tenho alguma coisa a dizer. Está bom desse pessoal do Departamento de Turismo acabar com esse negócio de querer imitar o carnaval do Rio de Janeiro. Lá o desfile entra pela madrugada e amanhece porque são várias escolas a desfilar. Aqui, isso não tem sentido porque são apenas quatro ou cinco escolas. Os blocos podem desfilar noutro dia. Muita gente não viu o "Quem São Eles" porque não agüentou ficar até tarde na avenida, sem ter uma arquibancada pr'a sentar. No próximo ano, é melhor a Prefeitura não repetir. (Raimundo José Pinto).

... o planejamento conjunto de toda uma população que crê e admite o seu Governo, como um eixo através do qual giram todos os interesses pelo bem comum".

Não li o que elas escreveram sobre o "Contribuinte do Futuro". Mas não gostei. (Walter Rodrigues).

Grandes estudos, grandes viagens

Belém seria a sede de um programa nacional de colonização de madeiras, anunciado, dia 24, pelo IBDF, para permitir a rápida expansão da exportação de produtos madeireiros da região amazônica, além da realização de estudo com o objetivo de determinar o potencial brasileiro. O programa, assim, permitiria o aproveitamento produtivo da grande reserva existente na região. E entre suas realizações imediatas, estão incluídas viagens ao Japão, Hong-Kong, Singapura, Estados Unidos, países da Europa e da América Central.

Ao que se saiba, o IBDF sabe pouquíssimo sobre a utilização econômica das madeiras da Amazônia e mesmo suas informações botânicas e tecnológicas são reduzidíssimas. Ao que se saiba, também não dispõe de um estudo global, de um projeto específico e de um programa geral que se possa considerar exequível, já que não possui também campos de experimentação e uma expressiva equipe técnica. Ao que se saiba, enfim, outros órgãos oficiais estão menos despreparados para a árdua tarefa (e talvez por isso — e por outros fatores bem menos acadêmicos — haja disputas e invejas entre tais órgãos). De qualquer maneira, boa viagem, técnicos do IBDF que vão percorrer o mundo. A indústria de madeira continua à espera de realizações objetivas e honestas, não de palavreado solto, e de proteção (Lúcio Flavio Pinto).

Uma carta

Sr. Editor.

Dia a dia aumentam em nossa capital, os cursos de línguas estrangeiras, principalmente os de inglês, conforme os anúncios publicados diariamente nos jornais. Ainda não vi anunciado um curso de Português, para ensinar nossa gente a falar e a escrever corretamente. É bem verdade que a nossa língua todo brasileiro fala, sem precisar de professor, mas fala ruim e escreve pior. Conheço muitos universitários que conjugam o verbo "Tu visse, tu fosse", e assim por diante. Na televisão, é comum os erros de concordância que deturpam os textos, sem falar nas gírias, que tornam muitas vezes as frases incompreensíveis para quem não está habituado a ouvi-las.

Vi certa ocasião, num programa de calouros, um dos jurados referir-se à prosódia do candidato a cantor e o animador risonho perguntou o que era prosódia. E quando o interpelado procurou explicar-lhe, disfarçou mudando de assunto, cortou-lhe a palavra.

Nos preparativos para os exames vestibulares, então as dificuldades aumentam para quem não pode pagar um professor particular de língua estrangeira pois o que se ensina no ginásio e nos cursinhos não é suficiente, tomando-se, assim, mais um obstáculo à atribulada vida do estudante pobre (...).

Por que não criarmos cursos livres de Português? Cursos práticos e objetivos. Garanto que não faltariam alunos, inclusive eu. Não sei se estou com a razão, porém é isso o que penso. Vamos estudar inglês, alemão, japonês, mas não esqueçamos de cultivar, com carinho, a nossa língua. (Zinalda Silva Castelo Branco).

formada de administradores, assessores, secretários, médicos, enfermeiros, missionários, pilotos, técnicos de rádio, mecânicos, especialistas em agricultura, geólogos, impressores, cartógrafos, técnicos de vôo e... três linguistas!

Na vizinhança imediata se eleva a serra de Macarena, onde, como anunciou o governo, encontram-se reservas de minerais radioativos, de urânio. E numerosos aviões entram e saem desta serra, e os vôos são geralmente noturnos. E um oficial de polícia de Macarena declara que mais de 80 "cientistas" estrangeiros entraram aí recentemente e que alguns ficam na floresta vários anos e que outros nunca retornaram. E diversas testemunhas assinalaram que os rios da região são sulcados por embarcações que transportam regularmente estranhas caixas negras, hermeticamente fechadas, que em seguida saem diretamente do país sem que ninguém saiba o que elas contêm. E então a gente se lembra que descobriu-se, há alguns anos, que nos mapas do Pentágono esta região é indicada como uma das bases estratégicas americanas no mundo.

Alguns crêem mesmo ter reconhecido o símbolo distintivo das bases de mísseis. E um piloto comercial teria localizado em Macarena, zona proibida, uma importante torre de controle e uma pista de aterrissagem cuidadosamente camufladas. E o governo colombiano, pressionado pelas indagações, envereda-se em meias-verdades, vítima, cúmplice ou enganador-enganado, não se sabe.

"Não existe em Macarena nenhuma instalação militar. — Por que seu sobrevôo está proibido? — Porque é uma zona estratégica".

UM RELATÓRIO ENTERRADO

Em junho de 1974, o general Matallana (atual chefe do Departamento Administrativo de Segurança), após inquérito no terreno, estimou, no seu relatório: "O I.L.V. constitui um perigo para a soberania nacional, pela localização estratégica dos "linguistas" e pelo poder que eles exercem sobre as comunidades indígenas". Ele trazia igualmente um certo número de acusações. Tráfico de esmeraldas até Tunebia, assombrosamente nos Llanos orientais; implantação, em Guambi, em plena selva de Mayasguer, de uma pista de aterrissagem para aviões "T-41" e instalações modernas em uma região totalmente despovoada, mas rica em jazidas de ouro e sítios arqueológicos; contrabando, num avião do I.L.V., de peças de troca para aviões, revendidas às companhias aéreas; exploração das fontes naturais, esterilização cirúrgica e métodos de controle da natalidade nas comunidades araucas. Este relatório, enviado a quatro ministros e à presidente da República, foi misteriosamente enterrado.

FOTOGRAFIAS AÉREAS

O ano de 1975 viu numerosas organizações indígenas, camponesas, profissionais, estudantes, apoiadas pelos professores de antropologia da Universidade Nacional, multiplicar os protestos e as denúncias. Diante do escândalo cada vez maior, uma comissão de inquérito foi nomeada. O que ela descobre em Lomalinda, apesar da falta de cooperação dos dirigentes do I.L.V. e dos deputados liberais e conservadores que passam a maior parte do tempo atrapalhando as atividades da comissão do que descobrindo o papel exato da entidade americana, encheu-a de assombro.

Os "pesquisadores", considerados como estudiosos das línguas indígenas, têm à sua disposição duas pistas aéreas, uma para aviões "Stol" e outra, em via de acabamento, para helicópteros. Os pilotos são ex militares veteranos



O ensino bilingüe do SIL

Bárbara A. Newman (Summer Institute of Linguistics)

PROGRAMA APLICADO PELO MONITOR BILINGÜE

1.º semestre	2.º semestre	3.º semestre	4.º semestre
Pré-Leitura	Língua Indígena	Língua Indígena	Língua Indígena
Pré-Escrita	(escrita e leitura)	Matemática	Matemática
Pré-Cálculo	Matemática	Português Oral	Português Oral
Português Oral	Português Oral	Estudos Sociais	Alfabetização na língua nacional
Estudos Sociais	Estudos Sociais		

Todos os leitores aprenderam a falar uma ou outra língua como sua língua materna — português, alemão, italiano, inglês, para mencionar algumas. Ao aprender a falar, também através da nossa língua materna, sem nos esforçar, inconscientemente, manifestamos os traços distintos da nossa cultura.

Para nós que somos estrangeiros no Brasil é um dia feliz se alguém chegar a dizer, "Mas, eu pensei que a senhora fosse brasileira". Assim aquela pessoa está dizendo que não somente falamos bem o português, mas também manifestamos os traços culturais de um brasileiro de coração. Se este dia feliz chegar para mim, como é que foi que eu consegui a transformação de uma "inglesa fria" para uma brasileira de "sangue quente"? É óbvio que isto somente acontece

e cabe a nós reconhecermos as mesmas e assim começar dentro das possibilidades, mesmo humildes. A realidade local é aquela vida que se encontra lá, e não a que nós levamos para lá, e a educação deve ser vinculada à vida diária para ter sentido na comunidade indígena.

O trabalho básico que se faz necessário antes de considerar um programa de ensino bilingüe é a pesquisa lingüística que inclui uma análise da língua e o estabelecimento de uma ortodoxia fixa, possibilitando assim a confecção de material educativo na língua tribal.

CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

A divisão em diagonal indica o uso quase exclusivo da língua indígena no primeiro semestre e gradativamente, vai sendo introduzida a aprendizagem na língua nacional, até o término da 2a. série. Observe-se que somente no último semestre educando começa a se alfabetizar na língua

professor existente na área, usasse o currículo nacional, ou se virasse como podia para providenciar o material necessário para a escola indígena.

Hoje em dia não é preciso que façamos assim. A participação do próprio indígena

DECLASSIFIED Authority NND 79201

do Vietnã, bastante hábeis, capazes de aterrissar nas pistas mais inacreditáveis, no mato e na floresta. Cinco aviões estacionados no hangar e um outro em reparação. Eles voam constantemente, com frequência diretamente para os Estados Unidos. O centro de rádio-comunicação mede 35 metros de comprimento por 12 de largura. E comporta dois telex, mais de cem rádio-emissores, usados pelos missionários para se comunicarem com a sede de qualquer lugar do país, e numerosos outros emissores de grande potência para... os locais de rádio-amadores! A central elétrica produz 165 kilowatts. A central telefônica reúne 2.000 linhas entre as quais só 480 são utilizadas para as ligações internas.

Na escala colombiana, isto é enorme. A maioria das cidades importantes não têm esta capacidade. O equipamento de fotografia aérea é tão aperfeiçoado que o reconhecimento do I.L.V. serviu para ratificar os erros dos mapas oficiais executados pelo Instituto Geográfico Colombiano. Na oficina de impressão, acaba de sair um material sem nenhum valor científico. Um moderno laboratório foi instalado para análises da flora, fauna e do solo. As amostras partem regularmente para os Estados Unidos. No lago que banha a aldeia, a comissão pôde ver numerosos barcos a motor, entre os quais um pelo menos é de um poder excessivo para simples atividades recreativas.

Impressionado, o chefe do B-2 (Serviço de Informação da Armada), que acompanhava a comissão, confessa que a própria Armada colombiana não dispõe de um tal material.

Na Assembléia, durante o debate que se seguiu a este inquérito, o ministro da Defesa, o general Abrahan Varon Valência, qualifica de "absurdas, infantis e mágicas" as acusações feitas pela comissão parlamentar. O general Abrahan Varon Valência tem a memória curta. Há dois anos, quando comandante geral das Forças Armadas, ele dizia a respeito do Instituto, num relatório secreto (Número 4.334 - CGSM - 252 - 13 de setembro de 1973), enviado ao ministro da Defesa da época, Correa Cubides: "Existem indícios para se considerar como suspeita a atividade desenvolvida por esta organização, e por este motivo, nós recomendamos a constituição de uma comissão para investigar os verdadeiros fins do Instituto".

REVELAÇÕES INESPERADAS

A comissão de inquérito está na "Granja Bonaire", estabelecimento cujo papel não pode ser precisado, que pertence ao I.L.V. e se acha a dois quilômetros de Lomilinda. Estão presentes o diretor do I.L.V., o general Forrest Xander (capitão na 2a. Guerra Mundial, com passagem pelo Vietnã) e o major Herbert Brusow, diretor da fazenda Bonaire. Um dos membros da Comissão brandiu de repente sua máquina fotográfica para o grupo. Para surpresa geral, o major Herbert Brusow, de quase dois metros de altura, porte de atleta, esboça um gesto de recusa e diz, surpreendentemente: "Eu não dirigi a perseguição e o assassinato do "Che" na Bolívia. Isto são fábulas. É certo que eu estava na Bolívia na época, na região dos acontecimentos. Mas eu ocupava então as mesmas funções que aqui. Eu não tenho nada a ver com a morte do Che Guevara".

E, como o grupo de funcionários ficou silencioso, o general Zander diz de novo: "Eu também não dei informações à Armada Colombiana para que ela matasse o guerrilheiro Duman Aljure".

A comissão não perguntava tanto. São dias onde a realidade supera a ficção.

sa e a convivência de casa no Brasil.

Assim nós aproveitamos uma ponte linguística como um instrumento aculturativo, chegando ao ponto de poder optar pela integração na comunidade brasileira, (atravessando essa ponte). Porém, não deixa de existir dentro de mim a inglesa fria, e por ser uma ponte, eu posso ao voltar à minha terra me comportar como a cultura de lá exige.

Eu pude iniciar este processo doloroso de aculturação com certas vantagens. Passei os devidos anos na escola, aprendi a ler e escrever em inglês, participei de tudo que fazia parte da vida da minha terra e criava-se dentro de mim o orgulho de ser inglesa.

Então, ao considerar o indígena brasileiro devemos providenciar para ele as mesmas vantagens que nós tínhamos, quando ele procurar sua integração na comunidade nacional para um membro de qualquer nação indígena.

A linha 1-2 que liga a língua indígena à língua nacional escrita deixa de lado a imprescindível prioridade e valor de alfabetização na língua materna, criando e alimentando o conceito de que a língua e vida de casa não prestam e não valem nada. As seqüências são tristes.

Seguindo a linha 3-4, pelo menos permite a aprendizagem do português antes de tentar a escrita do mesmo mas também deixa de lado tudo que trata da língua e vida indígenas e assim, sem querer, corremos o risco de estar menosprezando a nacionalidade do educando.

O que se apresenta nas linhas 5 a 8 chama-se "Ensino Bilingüe". Observamos que a alfabetização na língua indígena e aprendizagem do português, oralmente, ocorrem simultaneamente.

Seguindo este caminho fornecemos ao educando indígena o respeito e reconhecimento que sua língua e cultura merecem. Assim ele sente orgulho de sua herança indígena, e com esta base ele pode desenvolver o mesmo amor para com sua herança como brasileiro e participando na vida nacional. Não devemos esquecer que ele assim aproveitou da ponte linguística e cultural, com a possibilidade de idas e voltas - um direito que não podemos tirar.

Deduzimos pois, que a educação e o educador devem:

- visar à autopromoção, autovalorização e emancipação do educando;
- acompanhar o educando no seu desenvolvimento de tal maneira que ele possa escolher inteligentemente, entendendo o que vem a significar sua escolha;
- esperar que o educando opte pelo que ele considerar melhor;
- aceitar, como parte do processo de educação, a mudança social, econômica e política.

Assim o programa de Ensino Bilingüe visa o desenvolvimento da escola dentro da comunidade, em vez de criar uma escola, convidando os alunos para virem.

ADAPTAÇÃO DA EDUCAÇÃO À REALIDADE LOCAL

A realidade tribal apresenta limitações

esclarecer que no desempenho de um programa de Ensino Bilingüe há o corpo docente que está encarregado de treinar o Monitor Bilingüe, que por sua vez tornará a ser o corpo docente da escola na aldeia indígena. Para evitar a confusão, empregamos o termo "corpo docente" para designar os professores que ministram o curso de treinamento e o termo "treinandos" para os membros das comunidades tribais que atuarão como Monitores Bilingües.

Deve haver um membro do CD que fala a língua indígena do grupo. Este elemento deve ter um conhecimento da gramática e fonologia da língua em questão. Os demais membros do CD seriam selecionados conforme as pretensões do curso, de um lado, e de outro lado por seu entendimento de causa a ser realizada.

Ao definir o número adequado para o CD e achar tais elementos, deve haver um período de instrução nos princípios de educação indígena, alfabetização em si e rudimentos da linguística e antropologia.

O Instituto, cumprindo os termos do convênio com a FUNAI, oferece esta instrução ao seu curso anual.

A instrução fornecida deve deixar o CD em condições de realizar o curso dentro das limitações do meio, ao mesmo tempo dando liberdade à criatividade pessoal.

Quanto à capacidade profissional, achamos por bem procurar pessoas com alto grau nesse sentido, mas a experiência nos leva a reconhecer que com a devida seleção e instrução, o aperfeiçoamento desejável vem a seguir.

O treinamento, o futuro corpo docente da escola local de cada aldeia, passará por uma seleção antes de iniciar seu período de treinamento. Na sua instrução haverá 3 objetivos gerais:

- melhoramento do seu nível educacional.
- desenvolvimento de atitudes e caráter concernentes a um Monitor Bilingüe;
- treinamento didático.

Durante o curso de treinamento o uso da língua indígena assume proporções definidas que tem os seguintes objetivos:

- Conscientizar em relação à língua e suas estruturas; através dela conscientizar sobre os costumes indígenas, para que o aluno compreenda melhor a si mesmo;
- Valorizar a língua e costumes indígenas, a fim de despertar e animar a confiança em si, de parte do aluno, mostrando as riquezas e possibilidades da língua indígena;
- Comunicar os processos de aprendizagem para que aprenda a estudar;
- Confrontar a língua indígena com o português, para mostrar as semelhanças e as divergências a fim de que melhor assimile o português;
- Ajudar o aluno a compreender o seu ambiente e a se integrar sem perder suas particularidades;
- Preparar os educandos para que possam cooperar nas suas comunidades para a integração na sociedade brasileira.

nacional; até este ponto ele vinha sendo alfabetizado na língua materna, aprendendo oralmente o Português.

MATERIAL DIDÁTICO

As normas do passado exigiam que alguém, geralmente o missionário ou

Tratamos da literatura indígena.

Através dos quadros veremos a seqüência que seguimos para conseguir aos poucos o necessário para o currículo e material didático para o uso do Monitor Bilingue.

FASES DE LITERATURA (de crescente dificuldade)

FASE	Tipo de Literatura	Fonte de conteúdo do texto	Forma ou estilo	Familiaridade do conteúdo ao leitor
I	Literatura oral: Experiência pessoal: Como se faz as coisas: História local:	parte da cultura do autor: experiência pessoal.	determinado pelas normas culturais: livre	bem conhecido parte da sua cultura Familiar:
II	narrativas de viagens: como fazer coisas novas etc.	experiência pessoal.	livre	desconhecido
III	história ciências geografia (hepatite)	estudo	livre	desconhecido
IV	Material traduzido	estudo	determinado pelas normas da língua de origem	desconhecido
V	Material escrito por um não-falante da língua			desconhecido e difícil

CONCLUSÃO

Ao formular um programa de ensino bilingüe deve dar consideração ao ponto de vista do indígena. A 1a. Turma de Monitores Bilingües formados pela FUNAI do Brasil escolheram como seu lema "Através do Ensino Lutamos pela Emancipação do Nosso Povô". Foi dirigido um debate entre eles sobre o lema para saber em que pontos eles sentiam a falta de emancipação. Resumindo, destacamos cinco pontos que podem nos auxiliar a entender o ponto de vista do indígena, raramente esclarecido por ele:

- "Não temos liberdade de pensamento e ação;
- Não existe diálogo entre a comunidade indígena e a administração não indígena;

- Não há quem procure entender nossas necessidades, nossos desejos;
 - Sentimos falta de igualdade com o mundo não-índio em relação aos deveres e direitos de todo brasileiro;
 - Por falta de conhecimento, não temos confiança no mundo não-índio".
- Por último, umas palavras sobre a aproximação e participação de nós todos num programa desse tipo. A maioria de nós teríamos que mudar, profundamente, nossas atitudes em relação ao nosso próximo, ou seja nesse caso, o indígena. Ele tem o direito de realizar seu potencial em todos os sentidos e isto exige de nós, fé na capacidade do nosso próximo, permitindo que ele faça uso da sua língua, sua mente, seu poder de discernir o que é melhor para ele e sua comunidade. Assim o indígena alcançará a sua própria emancipação.